

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# “A ESCOLA EM PRETO E BRANCO: MATIZES DAS EXPERIÊNCIAS DA DIVERSIDADE RACIAL NA JÚLIA WANDERLEY”

FARIA, Eloisa Elena Weiss <sup>1</sup>

JEOLÁS, Luis Carlos Sollberger <sup>2</sup>

## RESUMO

Essa pesquisa pretende investigar marcadores sociais de raça na Escola Estadual Professora Júlia Wanderley/ Araçongas/PR. Através de investigação dos arquivos fotográficos produzidos pelas atividades culturais da escola e análise de algumas das obras de Debret, Portinari, Tarsila e Rosana Paulino junto aos alunos do 7<sup>a</sup> ano. Pretende-se, a partir da fundamentação teórica e metodológica de Ana Mae e alguns conceitos de Vigostki e de Hernández, pontuar as múltiplas experiências artísticas da diversidade cultural do espectro racial, reafirmando os valores intrínsecos e extrínsecos de cada matiz de pele. Busca-se desconstruir preconceitos com relação ao negro e descobrir, por meio de algumas obras de arte, a forma que o mesmo foi retratado durante a história; descrever e compreender como o negro foi representado e ainda o é na produção artística e documental da escola. Visando possibilitar, por meio da pesquisa-ação, reconhecer as múltiplas identidades e suas mesclas.

**Palavras chave:** Diversidade racial, multiculturalismo e empatia.

---

<sup>1</sup>Professora da Rede Pública Estadual Ensino do Paraná - e-mail:eloisafaria@seed.pr.gov

<sup>2</sup>Orientador PDE da Universidade Estadual de Londrina - UEL-Londrina-PR.e-mail:jeolas@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um trabalho desenvolvido durante o Programa de desenvolvimento Educacional – PDE, no decorrer do ano de 2016, vinculado ao Departamento de Arte da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Esse programa é constituído de quatro etapas semestrais: no primeiro semestre, o Projeto de Intervenção Pedagógica; no segundo semestre, a Produção Didático-Pedagógica; no terceiro semestre, a tutoria do Grupo de Trabalho em Rede - GTR, juntamente com a Implementação da Produção na escola de lotação do Professor PDE; e no quarto e último semestre, como conclusão de todo esse ciclo de estudos, a elaboração do artigo final.

O Grupo de Trabalho em Rede – GTR propiciou um enriquecimento muito expressivo à proposta de intervenção, por tratar-se de uma discussão virtual com professores da Rede Estadual do Paraná, no formato de Formação Continuada em Rede, na qual os mesmos apresentam suas contribuições e sugestões para o Projeto de Intervenção e para a Produção Didático-Pedagógica.

O mundo tecnológico e de informações que fluem com rapidez, que o sujeito da pesquisa vive, torna-os agentes passivos e ativos da própria história ou expectadores de histórias que acontecem em lugares distantes e ao mesmo tempo, sem limites e nem fronteiras. Porém, não livra-nos da pequenez das intolerâncias raciais, religiosas, dentre outras, que acabam gerando violência e discriminação, isso leva-nos a questionar atitudes e refletir por mudanças.

Apesar das tentativas da sociedade, essencialmente por parte do Governo em minimizar o distanciamento, principalmente dos negros descendentes, eles continuam ainda à margem da sociedade. Pude perceber, através de pesquisas com dados recentes divulgados pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que negros são 70% das vítimas de assassinatos no Brasil, confirmando a discriminação e exclusão

As políticas afirmativas implantadas no país, tentam amenizar injustiças historicamente acumuladas. A Lei 10.639/03 – Art. 1º que alterou a Lei 9394/1996, estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas, é uma ação política para reparar anos de danos psicológicos, materiais,

sociais, políticos e educacionais sofridos sob regime escravista e políticas explícitas de branqueamento da população, reconhecendo, valorizando a identidade cultural e histórica do negro brasileiro

Diante dessa realidade, o questionamento que norteou todas as proposições do projeto foi: Teria a arte, tal qual a concebemos hoje, o poder de estabelecer diálogos das identificações das diferentes matizes de pele?

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 A ARTE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

A educação assim como as políticas raciais podem auxiliar na construção da autoestima, do orgulho de ser negro, reconhecido e valorizado em nossa sociedade. Especificamente pela arte, pois é através dela que humanizamos e sensibilizamos o homem, “A arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social” (Diretrizes Curriculares da Educação Básica, 2008,p.56) ao perceber-se o homem questiona-se, interroga-se e é levado a interpretar o mundo e a si mesmo.

As artes provocam no observador a apreciação, a curiosidade, o debate de ideias, a capacidade de surpreender. Ao colocar-se no lugar do outro, de imaginar e analisar, reconhecendo as qualidades estéticas tanto em obras como em imagens que se apresentam no nosso cotidiano. Vivendo neste mundo visual, em que, na maior parte das vezes, somos influenciáveis, a arte educação tem um papel importante de levar a consciência e o despertar do senso crítico em nossos alunos.

A arte é imprescindível e é inerente ao homem. Por meio dela, o homem se comunica e se relaciona com o mundo, despertando o prazer dos sentidos e as emoções. Verifica-se que o mesmo se manifesta pela arte, desde os seus primórdios, aproveitando as condições que o meio lhes proporcionava. Assim sendo, durante cada período da história humana, a arte se construiu através de diálogos e relações constantes desse homem com seu mundo, em seu contexto social, respondendo ou indagando sobre questões do seu momento e apropriando-se de técnicas variadas e de diversas linguagens da arte para sua evolução.

Essas relações sociais são representadas em todos os seguimentos e por esse motivo, a arte deve ser pautada pela diversidade, liberdade de expressão, participação, respeito e cooperação de forma democrática por toda a sociedade.

Assim o processo de socialização é também um processo de educação e aprimoramento do homem e conseqüentemente do meio onde está inserido. Ao apreciar a diversidade e a construção das identidades, a arte se comunica com as diferenças, sendo um componente ativo na modificação e na transformação da sociedade em um lugar mais justo e melhor de se viver.

Essa capacidade de socialização que o sujeito faz durante sua vida, se faz principalmente pela comunicação, levando-o a processos de pensamentos evoluídos ampliando sua capacidade reflexiva e transformadora. Para Lev S. Vigotski (1896-1934) o desenvolvimento não é somente um acúmulo lento de mudanças, mas sim, conforme suas próprias palavras “[...] um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos”( VIGOTSKI, 2010, p. 150), não sendo linear.

O pesquisador e professor russo, Vigotski acredita que a capacidade de pensar é também, proporcionada pela linguagem, construindo sua teoria com base no desenvolvimento do homem como um resultado de um processo sócio-histórico, dando ênfase ao papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. O conhecimento, segundo ele, é adquirido pela interação do sujeito com o meio e é feito principalmente pela mediação, o conhecimento do sujeito não é somente proveniente de uma ação do mesmo sobre a realidade, mas também por meio da mediação provocada por outros sujeitos. A interação social e os instrumentos lingüísticos são decisivos para o desenvolvimento.

Em sua teoria histórico social, propõe a existência de pelo menos dois níveis de desenvolvimento para cada uma das atividades que aprendemos ao longo da vida: (1) um real (chamado de zona de desenvolvimento real), representa aquilo que já foi adquirido ou formado pelo indivíduo – determinando as habilidades já dominadas pelo sujeito, mostrando o que ele pode fazer de forma autônoma; e (2) um potencial (denominado zona de desenvolvimento potencial), que representa aquilo que um indivíduo poderá aprender com outras pessoas. Essa interação vai produzir abertura na zona de desenvolvimento proximal que significa a distância entre aquilo que o

sujeito faz de forma autônoma e aquilo que ele poderá fazer com a mediação de outro sujeito mais experiente ou que domina mais o assunto tratado, representando a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial.

O aprendizado, segundo Vigotsk, é um processo social, dando ênfase ao diálogo e às várias funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento mediado. Por isso deve-se propor estímulos e estratégias cognitivas ao longo dos processos educacionais que valorizam, na mesma proporção, os conteúdos socialmente elaborados, e os conhecimentos humanos, levando os sujeitos à internalização. Durante todo o processo, foram considerados os conhecimentos prévios de cada sujeito, respeitando principalmente suas vivências e referenciais. Foram realizadas correlações por meio de associações das obras de arte apresentadas com o seu cotidiano (Figuras 1 e 2 – Arquivo pessoal).



Figura 1



Figura 2

A multiculturalidade que perpassa o aprendizado, nos permite tratar de assuntos sobre a pluralidade cultural nos campos do saber, abordando as questões do múltiplo, do diverso, das discriminações e do preconceito que estão associadas ao multicultural, para promover por meio da educação uma formação de valores com flexibilidade, tolerância à diversidade cultural.

## 1.2 CULTURA VISUAL E IDENTIDADE

Uma educação que contemple as novas estratégias cognitivas supra mencionadas deve considerar o contexto histórico, social e cultural em que o sujeito está inserido, uma época marcada pela globalização que se instaura através dos meios de comunicação de massa como a televisão, o computador, outdoors, revistas, videogames entre outros. As oralidades fundamentadas no lucro e no social como representações fugazes e instantâneas que formam a cultura visual que, segundo Fernando Hernández (2000, p.28) “[...] orientam normas, organizam olhares e contribuem para fixar valores”.

As influências que o homem sofre diariamente ecoam diretamente na formação da identidade. Tornando-se aquilo que ao longo da vida foram adquirindo, por meio de experiências, fala, histórias, brincadeiras enfim, tudo que surge de alguma forma nos é imprimido, conseqüentemente influenciará todas as relações. Podemos entender de forma simples que identidade é o nome, que é determinado no nascimento, mais adiante é o número do RG que possibilita uma série de ações dentro da sociedade que reafirma cada pessoa como pertencente a ela. Porém a identidade é muito mais que um nome e um número, são os familiares, a cidade e o país, o jeito de vestir, as atitudes e escolhas. Essas identidades deverão ser trabalhadas principalmente na escola, não sendo vistas como hierárquicas ou cristalizadas, muito menos como fixa, imóvel ou inata, mas sim mutável.

[...] e produção de conhecimento, formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos do seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povo indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantido se sua identidade valorizada. (Cadernos temáticos – História da cultura Afro-Brasileira e Africana, 2008,p. 8)

A identidade correlaciona-se com a imagem que feita do sujeito e com a sua auto imagem, ambas são construídas, pois elas se formam a respeito dos discursos que se acumulam em suas trajetórias de vida e conseqüentemente nas sociedades. Possivelmente isso faz com que o homem adquira os sentimentos de pertencimento a determinados grupos ou a exclusão dos mesmos. Mesmo reconhecendo que o mundo é inundado por imagens variadas, não se pode afirmar que sempre acontece

a leitura reflexiva das mesmas. Os significados encontrados das coisas é a partir desse mundo que nos rodeia, e a arte tem que fazer parte desse mundo. É só quando se passa do limiar do olhar para o universo do ver, vemos o que compreendemos e o que temos condições de entender ou seja o que nos é significativo. Realizando assim um ato de leitura e reflexão.

Em outras palavras, o que é significativo, interligamos à uma gama vasta de informações e esse entrelaçamento vai do contexto sociocultural, ao da situação ocorrida, e as informações do sujeito leitor, sua imaginação e suas inferências. Conforme frisa Analice Dutra Pillar o olhar de cada pessoa está impregnado com experiências vividas, associações, lembranças, fantasias e interpretações, reafirmando significados. (Pillar 2003,p.74)

Essa rede de comunicação nos sustenta para a relação com o outro e com o mundo. As imagens, tornam-se veículos potenciais da informação e da comunicação agregados ao espaço /tempo cultural do público e do artista, na complexidade das relações que fomentam. Essas imagens nem sempre conseguem tratar todos os sentidos, elas muitas vezes, assumem o caráter polissêmico das representações daquilo que denominamos de realidade. E a realidade dos alunos, reafirmada durante todo o processo com as produções artísticas em que são mostrados os seus interesses, seus princípios e até mesmo o seu modo de vida quando comentam durante as leituras de obras “minha descendência é italiana ou meu avó é negro”; “eu tenho pena das crianças que ficam na rua e a gente sempre tenta ajudar”; “nossa eu vi um vídeo no WhatsApp que falava de preconceito e discriminação” (Figuras 3 e 4 – Arquivo pessoal).



FIGURA 3



FIGURA 4



Essas imagens seriam um tipo particular de signos, capazes de construir narrativas junto com o observador, sendo ele parte integrante nesse processo de construção, participando ativamente, de acordo com o seu ver e o ver da própria imagem. Segundo Hernández:

A importância da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção do mundo, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentam (HERNÁNDEZ, 2006, P. 52).

### **1.3 LEITURA DE IMAGEM**

Ao deparar-se com a imagem, parte do pressuposto que neste primeiro contato, devemos ir além do simples contemplar, é um olhar na vida daquela sociedade, as formas de pensamento de determinada cultura. Com uma alfabetização estética, pela leitura de obras de artes plásticas, estaremos colaborando para a decodificação da gramática visual, ou seja, para a interpretação visual, dando subsídios para o entendimento da imagem sendo ela de arte ou não.

O processo de alfabetização artística é semelhante ao processo verbal, porém com suas especificidades, ambos necessitam de subsídios de forma ampla e por um longo período para o seu desenvolvimento. Fornecendo repertório para ampliar os instrumentos de expressão, para construir um processo de autonomia expressiva.

Segundo Campos e Costa (2003, p.65) para ser um sujeito: “[...] alfabetizado em arte significa saber expressar-se através do ver, do fazer e compreender as imagens”, transcendendo o simples olhar. Para um suporte teórico metodológico que subsidia a alfabetização em questão. Neste sentido, se faz necessário um melhor aprofundamento e articulação com esses teóricos para uma satisfatória leitura de imagem.

As influências que sofremos cria uma memória coletiva que é formada pela representação e interpretação dessa realidade, diante de um contexto específico, sendo estabelecidos por determinados grupos, conforme seus interesses. Imagens construídas ao longo da história estão relacionadas a discursos, levando as pessoas se identificarem e a se sentirem pertencentes a um determinado grupo. A identidade é muito mais que um nome ou documento, tudo ao nosso redor vai propiciar a

construção da nossa identidade. Atualmente com a cultura visual está estritamente ligada a essa construção, definindo em nossos alunos o que somos, o que queremos.

O ser humano se constrói e se reformula no seu dia a dia, por meio de experiências, relações e busca, na medida do possível influencia, mas não obstante mente sendo mais influenciado do que seu contrário. Os fatores externos midiáticos, a cultura visual, sugerindo-nos como devemos viver, o que fazer, do que necessitamos, o que desejamos e o que valorizamos. Na escola, essas influências se tornam fatores norteadores para as relações experimentadas, sendo demonstradas pelas suas escolhas e atitudes.

Exemplificando o cabelo muito crespo é ainda motivo de gozações, levando muitos deles ao radicalismo do alisamento. O contraste que reside nos polos antagônicos incomoda e traz a sensação do feio, do fora de padrão e por que não dizer do abjeto que acabam por excluir, deixar à margem, e calando essas vozes e identidades.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Caracterização da pesquisa**

O projeto foi realizado na Escola Estadual Professora Julia Wanderley, na cidade de Arapongas, com alunos do 7º ano do ensino fundamental das séries finais. Considerando que no Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, todo professor a partir de um problema a ser resolvido, busca a melhor abordagem de pesquisa qualitativa, adotando a metodologia da pesquisa-ação. Nesse trabalho foi utilizado como instrumento de coleta, arquivos fotográficos de longa data que registram atividades culturais realizadas na escola. Esses dados forneceram subsídios para detectar e analisar a presença da cultura negra e de sua descendência na Júlia Wanderley e foi o ponto de partida para a introdução do tema.

Foi realizada uma curadoria educativa com obras de arte que retratam o negro em períodos distintos da história do Brasil, os artistas elegidos foram Debret, Portinari, Tarsila e Rosana Paulino.

Trabalhei a interdisciplinaridade com as disciplinas de História, de Geografia e de Português, com a contextualização histórica, geográfica e cultural dos negros que vieram para o Brasil. Culminando com a produção artística utilizando a fotografia na escola retratando o branco e preto sem distinção. A intervenção do projeto foi por meio de uma unidade didática, sendo parte de uma pesquisa-ação, as propostas apresentadas foram parâmetros para o seu desenvolvimento, considerando que neste tipo de trabalho as proposições vão sendo construídas de acordo com as respostas dos estudantes.

Foram orientadas algumas etapas com o objetivo de traçar um caminho, viabilizando as múltiplas experiências artísticas da diversidade cultural do espectro racial em que estamos inseridos, considerando o processo de leitura de imagens realizadas pelos estudantes, pois segundo o pesquisador russo Lev S. Vigotski (1896-1934) a capacitação que o sujeito adquire durante sua vida, se faz principalmente pela comunicação, levando-o a processos de pensamentos evoluídos ampliando assim sua capacidade reflexiva e transformadora. (VIGOTSKI, 2010,p.150) Ocorrendo conseqüentemente o conhecimento ou seja a aprendizagem adquirida por todas essas interações.

Para tanto, seguem as etapas que proporcionaram a pesquisa, a discussão, a reflexão, a criação e a avaliação. Seguindo as seguintes etapas: A) Detectar resquícios da cultura afro na escola Julia Wanderley por meio do olhar; B) Enxergar o Negro com os olhos do artista e C) Aprender olhar para o outro.

A avaliação ocorreu de forma contínua e processual, tendo o portfólio como um dos instrumentos de registro de toda a trajetória de pesquisa realizada, contendo as informações, pesquisas, relações estabelecidas da obra com as imagens “reais” vinculadas aos temas e as produções artísticas pessoais que forneceram evidências sobre a compreensão alcançada durante todo o processo de pesquisa. Finalizando com a exposição fotográfica impressa.

### **3. Metodologia de Intervenção e Resultados**

A Unidade Didática<sup>3</sup> teve duração de 32 aulas, as intervenções foram divididas em 3 proposta de trabalho.

#### **Proposta de Trabalho I**

##### **Detectar resquícios da cultura afro na escola Julia Wanderley por meio do olhar.**

Tempo estimado de 8 aulas.

Teve como objetivo detectar presença de elementos da cultura afro na Julia Wanderley e compreender o sistema avaliativo do portfólio.

Na Escola não existe quantificador oficial que forneçam dados sobre a presença negra. Percebe-se a miscigenação pela própria fala e características físicas dos alunos. Nesta proposta expliquei sobre a pesquisa que iríamos desenvolver no decorrer das aulas de arte. Em seguida sobre o portfólio, que envolveu trabalho de pesquisa, fazer artístico e também serviu como um recurso avaliativo de todo o processo. Segundo Fernando Hernandez que nos apresenta o Portfólio como instrumento de avaliação para a “reconstrução do processo de aprendizagem”, como um objeto artístico no qual se registra o processo de criação e conhecimento de uma modalidade de avaliação, sendo apropriado para uso avaliativo do ensino de arte nas escolas, condizente às novas concepções de ensino contemporâneo (HERNANDEZ, 2000, pp. 163-174).

Desde o primeiro momento em que foi explicada a proposta do projeto, a maior parte dos alunos demonstrou entusiasmo pois foi um desafio e ao mesmo tempo uma motivação. Com relação ao Portfólio, a receptividade foi boa por parte de toda a turma, muitos questionamentos e dúvidas foram levantados pois a maioria nunca tinha ouvido falar sobre essa forma de registro. A partir do vídeo explicativo e de um modelo pronto de portfólio que apresentei para eles visualizarem e manusearem, iniciaram-se as produções ( Figuras 5 e 6 – Arquivo pessoal).

---

<sup>3</sup>Zabala (1998) define Unidade Didática como: "conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos" (p. 18).



Figura 5



Figura 6

Propus pesquisa por meio de arquivos fotográficos já selecionados de atividades artísticas ocorridas em várias épocas distintas da escola, detectando resquícios da cultura afro.

Após esse levantamento, fizeram a pesquisa sobre a origem e o significado desses elementos encontrados. Por fim apresentaram para os demais colegas, socializando as informações por meio de um painel. Iniciando também a confecção dos portfólios. Nessa etapa com os arquivos fotográficos, atuei como mediadora para auxiliá-los no levantamento das imagens. Poucos se arriscaram pesquisando figuras aleatórias. Os grupos formados por afinidades trabalharam com integração montando painéis artísticos e explicando as imagens pesquisadas. A maioria delas como “pilão” ou até o “café” causaram estranhamentos, pois não sabiam da origem africana (Figuras 7 e 8 – Arquivo pessoal).



Figura 7



Figura 8

Com relação ao Portfólio a maioria utilizou como base o caderno, cada um fez uma técnica diferente como capa e a abertura com as informações do projeto. Teve um aluno que utilizou folhas avulsas e outro, uma pasta.

## **Proposta de trabalho II**

### **Enxergar o Negro com os olhos do artista.**

Tempo estimado de 16 aulas.

Teve como objetivo desconstruir preconceitos com relação ao negro; sensibilizar o olhar para o outro, interpretando, analisando e correlacionando as representações do negro com os seus próprios referenciais; apontar elementos formais da visualidade; conhecer artistas de determinados períodos e seus movimentos.

Segundo CAMPOS e COSTA (2003, p.65) para consideramos o indivíduo alfabetizado em Arte é preciso saber expressar-se através do ver, do fazer e compreender a imagem. Para essa etapa da pesquisa fiz uma curadoria de imagens com a representação do negro em diversas épocas da história do Brasil. Apresentei-as no decorrer das aulas propondo algumas indagações, para reflexões estéticas, sociais, culturais e históricas. Realizando concomitantemente, um trabalho interdisciplinar com Geografia, História e Português.

Iniciando com o artista Debret na época da colonização, passando por Portinari e Tarsila do Amaral focando no Modernismo e chegando na arte Contemporânea com Rosana Paulino. Apresentei uma contextualização histórica, social e do próprio artista, apontado a poética de cada um deles.

Como sugestões de indagações:

-O que enxergamos?

-Isso Já foi visto? Onde?

-O que te lembra essa imagem?

-Você conseguiria relacionar essa obra com algum momento de sua vida?

-Podemos relacionar a obra com alguma experiência vivida ou a algo que conhecemos?

-Como você se sente com relação a essa imagem?

-Quais os sentimentos que essa obra lhe desperta?

-Qual o estilo e técnica usada na obra?

-Quais elementos visuais que aparecem na obra?

-Quanto à materialidade, o que percebemos?

A cada artista apresentado, criei proposições para o processo de criação, pois a arte só é apreendida pela vivência e experimentação, oportunizando o desenvolvimento de uma poética pessoal.

Solicitei que cada aluno construísse um texto descrevendo a obra analisada e aspectos que achasse relevante. Sugeri aprofundamento de estudos dos artistas apresentados, executando assim releituras de obras escolhidas. Também orientei que relacionassem as obras às imagens do cotidiano. Pesquisassem e correlacionassem músicas e poesias com a obra estudada como forma de apropriação dos conteúdos aprendidos (Figuras 9 e 10 – Arquivo pessoal).

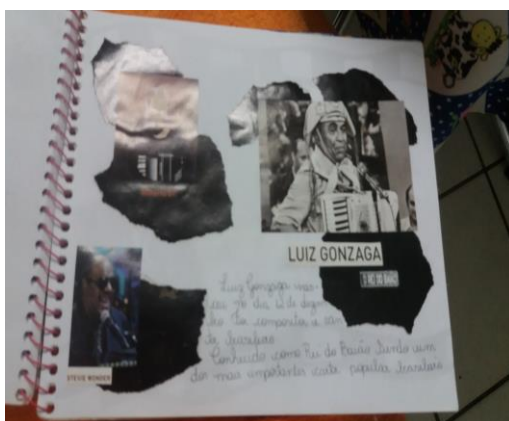


Figura 9

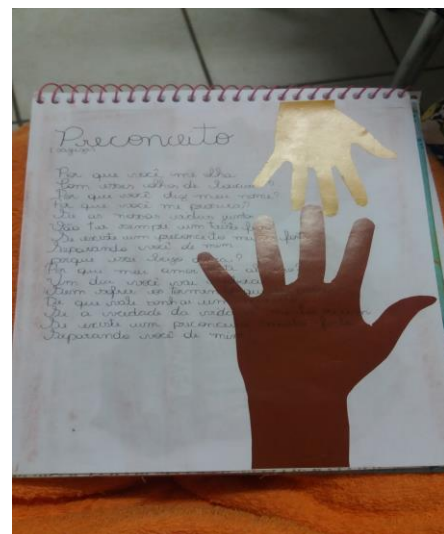


Figura 10



Para casa:

Aprofundar as pesquisas e fazer relações do cotidiano com os temas abordados. Trazer mais artistas que abordaram essa temática utilizando outras linguagens artísticas.

A professora Aline de Geografia realizou uma contextualização geográfica das regiões da África de onde vieram os escravos, as condições dos navios negreiros e como foi a vida aqui no Brasil. Trabalho bastante produtivo, pois quando apresentei as obras de Debret, eles conseguiram relacionar os conhecimentos obtidos na disciplina de geografia às pinturas (Figura 11 – Arquivo pessoal).



Figura 11

Na obra “Jantar brasileiro” após a leitura dos elementos artísticos como cor, forma, linhas, estilo entre outros, foi iniciada as indagações subjetivas relacionando a imagem com o nosso cotidiano. Uma das relações apontadas foi quando algum pedinte bate em sua casa pedindo comida, outra quando paramos de carro em semáforos e crianças tentam vender ou pedir algo. Uma análise marcante foi sobre os animais domésticos que recebem mais carinho que muitos seres humanos.

Para introduzir as obras de Portinari e de Tarsila houve uma contextualização histórica e social com o professor Bruno da disciplina de história. Iniciei explicando sobre o movimento “Modernismo” e então apresentei as obras de Portinari, bem como suas características singulares como os pés e as mãos grandes dos trabalhadores, o que chamou muito atenção dos alunos. Muitas hipóteses foram levantadas e relacionadas a todos os trabalhadores que com força e garra contribuem o desenvolvimento do Brasil.

Analisando também as expressões de sofrimento e até de morte presentes em algumas telas dos retirantes, relacionando-as com notícias atuais de falta de



emprego, as favelas e até a fuga de refugiados de países estrangeiros que buscam uma vida melhor.

Juntamente com as leituras de obras, a professora Jane da disciplina de português fez um trabalho biográfico sobre o artista que estava sendo estudado, seguindo uma estrutura pré estabelecida, sendo tão satisfatório que foi estendido a outras turmas.

Quando abordamos Tarsila, disseram que a obra dela transmitia alegria. Com a pintura “Operários”, eles identificaram várias outras etnias, e que essa mistura racial está cada vez mais presente no nosso dia a dia.

A artista Rosana Paulino causou um grande estranhamento, pois sua obra fala sobre ser negra e mulher, e utiliza-se de instalações. Quando foram apresentadas as obras “Soldado”, “Ama de Leite”, “A Postura dos Ovos” e “Proteção Extrema Contra a Dor e Sofrimento”, surgiram demonstrações de espanto do tipo: “o que quê é isso”, “nossa que coisa feia”, “credo parece um bicho”. Depois do estranhamento natural que eles demonstraram, ao primeiro contado com a obra, começamos a análise da mesma, e gradativamente começaram a relacionar a obra com a mãe que amamenta seu filho, que dá força e vida. Na outra obra, eles falaram da condição dos escravos que vieram para o Brasil e que até hoje muitos sofrem ainda com questões de preconceito, teve um aluno que relacionou as correntes com “as coisas que deixam a gente presa como o celular” (Figuras 12 e 13 – Arquivo pessoal).

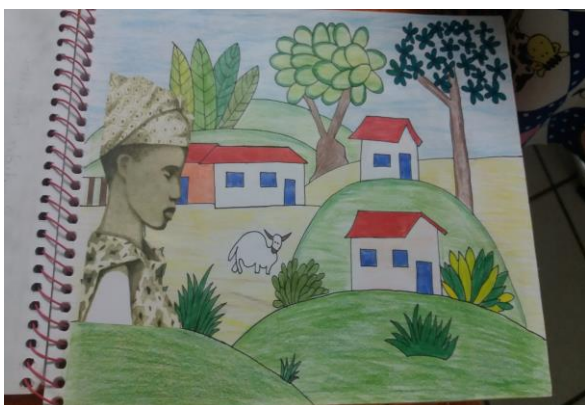


Figura 12

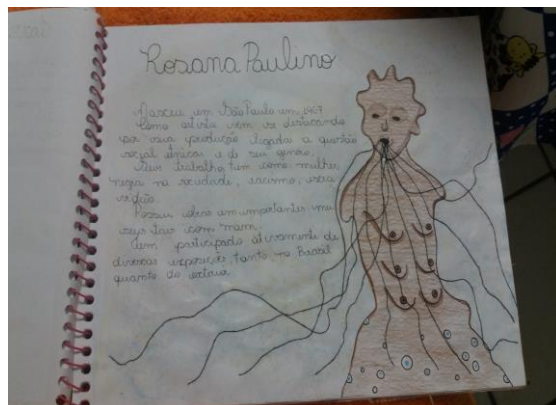


Figura 13

### Proposta de trabalho III

#### Aprender olhar para o outro

Tendo como tempo estimado de 8 aulas.

Teve como objetivos propor e ampliar uma identidade a respeito da cultura afro-descendente e das outras culturas que com ela se relacionam; identificar e aprender sobre a linguagem fotográfica; retratar por meio da fotografia o preto, branco e suas matizes no cotidiano escolar.

O tema de identidade, quando abordado na escola, causa estranhamento e polêmica, devido às diferenças que afloram nas discussões e são inerentes aos seres humanos. Segundo Mödinger {et al.} (2012, p 83) propor novos pontos de vista, dando subsídios, consistência e ao mesmo tempo consciência, para que o aluno descubra e reconstrua novos conceitos a esse respeito. É importante levarmos em consideração os saberes do aluno, dialogando e abrindo caminhos para a discussão do diferente, pois a identidade se constrói por vários aspectos relacionados principalmente pelas vivências.

Deste modo retornei com a pesquisa fotográfica, mas focando outras raças.

- Como a gente identifica outras raças? Por meio de características físicas?
- Como a gente identifica o brasileiro?
- E o Japonês?
- E o Negro?

Houve uma aula sobre fotografia com o Professor Orientador . Logo após propus uma pesquisa fotográfica utilizando celulares ou câmeras fotográficas tentando registrar as partes do corpo que poderiam ser a marca de determinada raça. Socializamos essas fotos para análise e reflexão com questionamentos sugeridos anteriormente.

Sugeri um aprofundamento sobre esse tema pesquisando sobre cabelos, penteados de época, campanhas da mídia que influenciam padrões ou até a própria identidade pois segundo Hernandez (2000,p.28) com as representações fugazes e instantâneas que formam a cultura visual elas “orientam normas, organizam olhares e contribuem para fixar valores”, e repercutem diretamente na formação da identidade.

[...] e produção de conhecimento, formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos do seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povo indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantido se sua identidade valorizada. (Cadernos temáticos – História da cultura Afro-Brasileira e Africana, 2008,p. 8)

A identidade correlaciona-se com a imagem que fazemos de nós e com a auto imagem, sendo ambas construídas, pois elas se formam a respeito dos discursos que se acumulam em nossas trajetórias e possivelmente isso faça com que o sujeito adquira os sentimentos de pertencimento a determinados grupos ou a exclusão dos mesmos.

A partir das palavras que foram tratadas no decorrer da pesquisa foi sugerido que fizessem fotografias tentando mostrá-las por meio de imagem capturadas no cotidiano escolar e familiar.

Depois da presença do orientador falando sobre a fotografia todos se entusiasmaram para realizar as fotos, as capturas de imagens como exercícios fotográficos foram interessantes, descobriam pequenos mundos dentro da escola, formas ou textura que na correria do dia a dia passam despercebidos. Na identificação de partes do corpo que podem definir uma raça, também perceberam detalhes minuciosos na imagem como texturas de cabelo ou a cor e a forma dos olhos quando fotografados muito próximos. Na etapa de pesquisa de palavras utilizadas no decorrer do projeto não houve um retorno expressivo, muitos deixaram de fazer, então lancei algumas como: altruísmo, preconceito, diversidade racial, multiculturalismo e empatia. E lancei o desafio de eles criarem uma fotografia retratando uma dessas palavras ou as relações entre as pessoas de culturas diversas da escola ou em outros contextos como em suas próprias casas. A maioria dos alunos apresentou ótimos resultados, foram criativos, utilizaram objetos ou misturaram tecnologias como programas de computador para alterar as fotos. Escreveram sobre o tema da composição que criaram demonstrando participação e envolvimento (Figuras 14, 15, 16 e 17 - Arquivo pessoal).



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram levantadas questões da diversidade racial que permeiam as relações no cotidiano escolar das séries finais do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Júlia Wanderley, tentando responder se teria a arte, tal qual a concebemos hoje, o poder de estabelecer diálogos das identificações das diferentes matizes de pele. Muitas vezes esse questionamento teve respostas além das expectativas e em outros, não foi possível verificar a sensibilização esperada.

Percorrendo todo o caminho trabalhado durante a implementação escolar, concluí que tudo valeu a pena, mesmo nos momentos mais tensos. Houve um retorno qualitativo através de construções criativas e participação quase que na totalidade. Vale ressaltar a importância da continuidade desse projeto nos próximos anos e até em séries diferentes, pois a temática é sempre atual e necessária para ser abordada, levando em consideração as necessidades de cada turma.

Visto que a busca constante do fazer que ocorreu em todo o projeto, levou os alunos em sua grande maioria, e até a mim, como professora, a desenvolver um olhar mais atento para essas diferenças raciais que permeiam nosso mundo.

Concluí que a arte não dá conta de todas as questões esperadas, mas realmente ela é um caminho e é primordial ao homem e a todo esse processo de ensino e aprendizagem, pois não é algo que se fecha em verdades absolutas, pelo contrário, ela se abre em possibilidades infinitas de criação, reflexão e transformação.

Dessa forma, entende-se que a arte tem o poder de desenvolver nos seres humanos a capacidade de ver o mundo, além de cores de pele, ou tipos de cabelo, mais analisá-lo de forma crítica, seguros de suas escolhas não sendo alvo de manipulações sem perder a sensibilidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BELCHIOR, Douglas. Índice de assassinatos de negros “ O problema é social e não racial.” Será? – Disponível em [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br) Acesso em 12 de junho de 2016.

CAMPOS,N.P.; COSTA, F.C.Búrigo. **Artes Visuais e Escola-para aprender e ensinar com imagens**. Florianópolis: Olinda Evangelista, 2003.

FELINTO, Renata. **Culturas Africanas e Afro-Brasileiras Em Sala de Aula**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Departamento de Educação Básica. **Educando para as Relações Étnico-Raciais II**. Curitiba,SEED/ PR, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Departamento de Educação Básica. **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Curitiba, SEES/PR,2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Arte**. Curitiba-PR, 2008.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negro No Estúdio Do Fotógrafo**. Campinas: UNICAMP,2010.

MODINGER, Carlos Roberto; ET AL. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Programa Nacional Biblioteca da Escola. Edelbra, 2012.

OSTROWER, Fayga, **Universos da Arte**. 8.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que Falam – leitura da arte na escola**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

UTUARI, Solange. **Encontros com Arte e Cultura**. São Paulo: FTD, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4ª. triagem. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2010.

ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa: Como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

### LINKS E SITES:

<https://www.youtube.com/watch?v=IXML-rnusk4>

(acesso em 18/03/2017)

[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PJ2vs0vHMZsC&oi=fnd&pg=PA5&dq=debret+escraavid%C3%A3o&ots=6sNy3rJK62&sig=WpH\\_4R2MS8XBWpeyvNc4zAnlchA#v=onepage&q=debret%20escraavid%C3%A3o&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PJ2vs0vHMZsC&oi=fnd&pg=PA5&dq=debret+escraavid%C3%A3o&ots=6sNy3rJK62&sig=WpH_4R2MS8XBWpeyvNc4zAnlchA#v=onepage&q=debret%20escraavid%C3%A3o&f=false)

(acesso em 21/03/2017)

[https://scholar.google.com.br/scholar?q=c%C3%A2ndido+portinari+meninos&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&oq=candido+portinari](https://scholar.google.com.br/scholar?q=c%C3%A2ndido+portinari+meninos&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&oq=candido+portinari)

(acesso em 06/04/2017)

<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10925/8086>

(acesso em 17/04/2017)

<http://rosanapaulino.blogspot.com.br/>

<http://www.rosanapaulino.com.br/>

(acesso em: 004/05/2017)